

Capítulo 1

Em (Re)Construção: Um programa de pesquisa sociológica sobre os modos de dominação e as estratégias de reprodução social na indústria da Construção

Virgílio Borges Pereira, Bruno Monteiro,
Carla Aurélia de Almeida, Laura Galhano
& Vanessa Rodrigues

Definem-se, nas páginas que se seguem, as coordenadas principais do trabalho que esteve subjacente ao programa de pesquisa sociológica dinamizado no âmbito do projeto de investigação “Novos Terrenos para a Construção: mudanças no campo da construção em Portugal e seus impactos nas condições de trabalho no século XXI”¹. Para além de apresentar o quadro geral de interrogação sociológica que esteve na origem da pesquisa, o presente texto estabelece as proposições que serviram de marcos de referência para o entendimento das relações entre os modos de dominação e as estratégias de reprodução social que presidem à leitura das condições de estruturação da atividade económica e do trabalho no setor da Construção em Portugal dinamizadas nesta investigação. Mais especificamente, é definido o modelo teórico de interrogação detalhada das configurações de poder inscritas no funcionamento da atividade económica e social no setor. Retirando consequências dos procedimentos assim estabelecidos, o capítulo define também o conjunto de dispositivos teórico-metodológicos que esteve na origem da estratégia de pesquisa gizada para o desenvolvimento do projeto de investigação realizado. Em concreto, define-se como pertinente uma metodologia de caso alargado para a dinamização do trabalho sociológico realizado e concretizam-se os procedimentos

¹ Projeto com referência PTDC/IVC-SOC/5578/2014-016621, desenvolvido no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

em que esta se traduziu, salientando-se, reflexivamente, algumas das principais implicações analíticas que destes decorrem.

Modos de dominação e estratégias de reprodução social na indústria da Construção em Portugal: Elementos teóricos

Na introdução ao livro *Estruturas Sociais da Economia*, Pierre Bourdieu, entre a identificação de várias das linhas de investigação subjacentes à pesquisa conduzida nesse trabalho, tem ocasião de estabelecer uma consideração que pode ser tomada como referência central para o desenvolvimento de investigação sociológica sobre a configuração das relações de poder subjacentes às dimensões sociais da atividade económica com valor acrescido para o projeto de conhecimento aqui sustentado. Considera o autor que:

(...) A imersão da economia na esfera social é tal que, por mais legítimas que sejam as abstrações feitas para fins de análise, deve ter-se claramente em mente que o objeto de uma verdadeira economia de práticas não é, em última análise, senão a economia das condições de produção e reprodução dos agentes e instituições de produção e reprodução económica, cultural e social, ou seja, o próprio objeto da sociologia na sua definição mais completa e mais geral. (Bourdieu, 2000, p. 26, tradução própria)

O quadro de leitura sociológica sobre as especificidades das relações sociais na economia aberto pelo presente enunciado, para além de relevante para o desenvolvimento do programa de conhecimento sociológico geral, tem implicações que podem ser mobilizadas heurísticamente para a dinamização de pesquisa empírica sobre setores específicos da atividade económica. Tomando por referência um propósito de conhecimento sociológico concreto sobre a dinâmica recente da atividade económica na indústria da Construção em Portugal, um tal enunciado permite elaborar um conjunto de questões operatórias suscetível de se traduzir num programa teórico-metodológico dotado de alcance empírico significativo. Com efeito, entendendo a dinâmica das relações sociais na economia capitalista a partir de uma teoria dos modos de dominação, a proposta de conhecimento assim delineada começa por promover uma leitura relacional dos fenómenos estudados, neste caso, do quadro de relações de força estruturado no interior do campo económico, a partir da ação das empresas que o constituem. As relações de força assim estruturadas, traduzidas em concorrência empresarial, medida pelos preços praticados pelas empresas e pela capacidade que têm para os definir, são explicadas à luz da importância da relação entre o volume e a composição específica do capital detidos pelas empresas (Bourdieu, 2000, p. 236); a combinação daqui decorrente confere a cada empresa uma posição relativa na configuração das relações de força do campo a que pertence: “O peso associado a um agente depende de

todos os outros pontos e das relações entre todos os pontos, quer dizer de todo o espaço compreendido como uma constelação relacional” (Bourdieu, 1997, p.52). Nesta perspetiva, o campo económico, como campo de lutas, “é constituído por um conjunto de subcampos, correspondendo ao que entendemos habitualmente por ‘setor ou ‘ramos’ da indústria” (1997, p.52, n. 15). As relações de força, na sua especificidade, integram, por sua vez, dinâmicas relacionais que transcendem as empresas – tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista político, envolvendo, neste último caso, a relação com o Estado -, e/ou que as especificam, interferindo, umas e outras, ativamente na definição do posicionamento das empresas e da sua capacidade de ação nos campos em que se inscrevem. Encarar as relações de força que constituem o campo económico nos termos sugeridos, e com o relevo atribuído ao conhecimento da ação das empresas, não implica abdicar do conhecimento mais pormenorizado dos processos e mecanismos de produção de valor inscritos no funcionamento do campo económico e, muito menos, afastar o conhecimento da ação dos indivíduos neste processo. Para além do reconhecimento da empresa como campo, uma abordagem sociológica assim construída não pode deixar de conhecer e reconhecer o quadro de ação e os posicionamentos ocupados por indivíduos no interior da empresa e, necessariamente, a capacidade que demonstram para agir estrategicamente em termos de criação (Lebaron, 1997, pp.25-26) e de reprodução de posicionamentos sociais (Bourdieu, 1997, p.60). Uma tal capacidade de ação individual é válida para quem exerce e ocupa as posições dominantes das empresas, agindo em nome destas e contribuindo para a definição das respetivas estratégias de investimento. Em complemento, uma tal capacidade de ação estratégica, em matéria de trajetória e de destino sociais, não deve deixar de ser equacionada para quem ocupa as diferentes categorias do assalariamento empresarial e para quem com estas se relaciona.

Ao longo das últimas décadas, em Portugal e na generalidade dos países economicamente mais desenvolvidos, a indústria da Construção encontra-se no centro de significativos processos de recomposição social, económica e política. No plano internacional e europeu, entre outros fatores, a interligação entre especulação imobiliária, incentivos públicos ao investimento materializado em construção e acesso privilegiado a crédito bancário favoreceram o surto da atividade na indústria da Construção verificado ao longo dos anos de 1990 e, mais tarde, um quadro de profunda “crise”, originada nos Estados Unidos da América (EUA) e rapidamente espalhada pela Europa (Bosch & Philips, 2003; Cusin & Lefebvre, 2018). Atividade económica de relevo em Portugal, a Construção, no país, viu-se, subitamente, e na sequência dos ciclos identificados, também exposta a profundas contradições. Por comparação com os anos de 1990-2001, em que a indústria da Construção conheceu um apogeu em Portugal (Baganha, Marques & Góis, 2002), o setor foi negativamente marcado por este último ciclo económico, sobretudo a partir de 2007,

período em que a perda de empresas e de empregos no setor assumiu números de grande relevo. Contudo, mesmo no auge dos períodos de mais acentuada «crise», a indústria reunia efetivos significativos das empresas, do emprego e do volume de negócios do país, em particular dos setores institucionais das *Sociedades não Financeiras*, afirmando-se nos respetivos lugares cimeiros (Banco de Portugal, 2014). As contradições na estruturação da atividade económica no setor e as mudanças rápidas a que esta está sujeita, que apontam para dinâmicas mais recentes de abrandamento das perdas (Banco de Portugal, 2016), justificam o interesse em atualizar o conhecimento sociológico disponível sobre este domínio da realidade social e económica nacional. À escala europeia, estudos mais recentes têm comprovado que o setor passa por um intenso processo de reestruturação interna, que se traduz, em particular, pelo recurso a estratégias de subcontratação, *outsourcing* e cooperação entre empresas, e pela aplicação de medidas de «liberalização» do mercado de trabalho (entre vários trabalhos, ver Cremers & Jensen, 2006). A indústria da Construção portuguesa, mantendo várias das suas características tradicionais (pulverização empresarial, fraca intensidade tecnológica, etc.), é sensível, pelo menos entre as maiores empresas, a fusões e aquisições, a uma crescente internacionalização e a uma diversificação horizontal das atividades (Rosa, 2012). A extrema pulverização do tecido empresarial e a invisibilidade de vários dos processos sociais aqui em ação levam, com frequência, a que se considere esta realidade como difusa, envolvendo alguma uniformidade o modo pulverizado de a retratar. Justifica-se, por isso, que se procure investigar as dinâmicas, complexidades e tensões que caracterizam esta esfera de ação, tratando-a como uma «configuração de relações de poder» e consagrando, em simultâneo, a experiência dos agentes sociais, na senda das leituras das relações entre uma e outra das realidades propostas por Norbert Elias (2001).

Ainda que o quadro global de partida da pesquisa que aqui nos trouxe possa ser remetido para o conjunto de preocupações teóricas inicialmente enunciado, deve reconhecer-se que, na sua génese, estiveram algumas preocupações adicionais, habitualmente presentes nas investigações que desenvolvemos (Pereira, 2012) e que, sendo dependentes do quadro teórico geral dinamizado a partir da teoria da prática elaborada por Bourdieu, podem ser remetidas para um domínio específico desta, onde se procura situar as relações entre os sistemas de mecanismos de reprodução social que são característicos dos campos que compõem a sociedade e as estratégias de reprodução próprias dos agentes sociais nestes (Bourdieu, 1989, pp.375-392; 1994). Moldando-se e estruturando-se estas estratégias em relação com aqueles mecanismos de reprodução, compreende-se o grau de complexidade que pode estar subjacente ao programa de pesquisa que vise conhecer as propriedades de tais relações. Em todo o caso, para efeitos de dinamização de pesquisa sociológica pormenorizada sobre as relações em apreço num domínio de atividade económica como o da indústria da Construção em Portugal, o modelo

teórico esboçado, tal como apresentado na Figura 1.1, procura restituir os passos principais que equacionámos como necessários para a produção de conhecimento pertinente. Retirando consequências de uma conceção relacional da ação das empresas no campo económico e da definição dos posicionamentos sociais no seu interior, o quadro de questionamentos traduzido na Figura proposta procura relevar a importância do conhecimento das estratégias de reprodução das empresas da indústria da Construção sem deixar de equacionar o contributo dos agentes que informam a respetiva ação e que com estas se relacionam.

Por um lado, tendo a noção da importância dos efeitos da ação do Estado e das relações com outras entidades – desde logo as que remetem para dinâmicas continuadas de defesa e representação de interesses –, o modelo teórico proposto retém, assim e para efeitos de análise, a necessidade de estudar as relações que se estabelecem no plano mais orientadamente concorrencial da ação das empresas e, necessariamente, a sua ação estratégica, incluindo em termos internos (Bourdieu, 1997; Fligstein, 2002: pp.67-98; Fligstein & MacAdam, 2015). O modelo analítico foca, em concreto, a dinâmica das relações entre micro, pequenas, médias e grandes empresas do setor, sem deixar de procurar conhecer o modo como a ação destas é afetada pela presença de empresas com capital multinacional. De igual modo, e reconhecendo especificidades adicionais do domínio da atividade económica, a análise consagra também a própria presença de empresas especialmente vocacionadas para o fornecimento temporário de trabalhadores e o conjunto potencial de alterações que estas introduzem no campo empresarial. Para além de se salientar, neste processo, o significado de que se revestem divisões significativas em matéria de volume global de capital e de estrutura organizacional lida a partir da mão de obra disponível em cada empresa, o exercício visa, em particular, conhecer o significado das estratégias de investimento económico das empresas que se materializam em território nacional, assim como as estratégias de internacionalização.

Por outro lado, as estratégias de reprodução dos indivíduos, em particular, aquelas que são desenvolvidas no quadro de ação no interior das empresas, mas também as que dizem respeito a trabalhadores independentes, que com estas se relacionam, e as que se referem a trabalhadores com estatuto laboral precário são também visadas pelo modelo analítico deste modo concebido. Fiel a um ponto de vista sociológico que visa conhecer em detalhe os processos de formação e de estruturação de classe (Almeida, 1986; Beaud & Pialoux, 1999; Bourdieu, 1979; Pereira, 2010; Pinto, 1985; Savage & Miles, 1994; Thompson, 1991; Wacquant, 2014), a perspetiva de análise consagra uma atenção ao modo como se estruturam as classificações socioprofissionais no interior dos grupos que trabalham neste domínio da atividade económica, tendo a noção de que estas são o resultado de uma elaborada produção social com forte dimensão histórica e política (Desrosières & Thévenot, 2002).

Para efeitos de compatibilização do trabalho deste modo desenvolvido com a informação oficial disponibilizada nos sistemas estatístico e jurídico nacionais, considera-se como empresa:

Qualquer entidade que, independentemente da sua forma jurídica, exerce uma atividade económica. São, nomeadamente, consideradas como tal as entidades que exercem uma atividade artesanal ou outras atividades a título individual ou familiar, as sociedades de pessoas ou as associações que exercem regularmente uma atividade económica. (Artigo 1 do Anexo ao Decreto-Lei n.º 372/2007, Ministério da Economia e Inovação)

À luz da legislação que cria a certificação eletrónica do estatuto de micro, pequena e média empresa (Decreto-Lei n.º 372/2007, Ministério da Economia e Inovação), a categoria de uma empresa é determinada com recurso a informação referente aos efetivos, ao volume de negócios e ao respetivo balanço total. São consideradas pequenas e médias empresas (PME) aquelas que empregam menos de 250 pessoas e cujo volume de negócios anual não excede 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não excede 43 milhões de euros. Mais especificamente, uma micro empresa é definida como uma empresa que emprega menos de 10 pessoas e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros; uma pequena empresa é definida como empregando menos de 50 pessoas e com um volume de negócios anual ou balanço total anual igual ou menor a 10 milhões de euros; uma média empresa emprega menos de 250 pessoas e possui um volume de negócios igual ou menor a 50 milhões de euros; uma grande empresa possui pelo menos 250 pessoas ao serviço e um volume de negócios igual ou superior a 50 milhões de euros.

De igual modo, consideram-se como pertinentes, do ponto de vista da conceitualização sociológica das estratégias de reprodução dos indivíduos, as divisões socioprofissionais consagradas pelos sucessivos contratos coletivos de trabalho característicos da indústria da Construção em Portugal. Ainda que se tenha a noção do carácter limitado do exercício, o conjunto de divisões deste modo identificado representa um ponto de partida para a compreensão dos grandes operadores de divisão socioprofissional próprios desta atividade industrial. Sem esquecer o conjunto muito diferenciado de várias dezenas de categorias profissionais próprias da atividade económica na indústria da Construção Civil e Obras Públicas – e do tipo de reconhecimento jurídico de que são alvo no setor consoante envolvam ou não aprendizagem, ou em função dos anos diferenciados a que estas últimas estejam obrigadas –, o exercício proposto retém, assim, as categorias que consagram os graus profissionais operacionais na fase de produção e do estaleiro e do enquadramento deste. Relevam-se, igual e obrigatoriamente, os posicionamentos que implicam cargos de direção das empresas. Para efeitos de operacionalização

da abordagem relacional inscrita na ação de empresas e de indivíduos, importa ter presente que a leitura se elabora a partir da dinâmica de trabalho estabelecida a partir do estaleiro, tido aqui como unidade de análise de base da investigação.

EMPRESAS	EMPRESAS NACIONAIS POR DIMENSÃO E ESTRATÉGIA DE MOBILIDADE		EMPRESAS ESTRANGEIRAS COM RECURSO A MÃO DE OBRA PORTUGUESA POR DIMENSÃO
	Grande empresa	Estratégia de mobilidade Nacional e/ ou Interna- cional	Grande empresa
	Média empresa		Média empresa
	Pequena empresa		Pequena empresa
	Microempresa		Microempresa
	Empresas de trabalho temporário		Empresas de trabalho temporário

INDIVÍDUOS	Empresários (Patrões) / Administradores	
	Trabalhadores por conta de outrem (categorias profissionais no setor da Construção)	Quadros superiores Quadros técnicos: - Engenheiros/ Arquitetos - Agentes técnicos de arquitetura e engenharia/ construtor civil (formação profissional) Técnicos de obra/ coordenadores de produção (formação profissional) e encarregados Chefes de equipa Oficial principal Oficial Auxiliares técnicos Pré-oficial - do 2º ano - do 1º ano Ajudante - do 2º ano - do 1º ano Aprendiz - do 3º ano - do 2º ano - do 1º ano Auxiliares de montagem
		Trabalhadores Independentes
Situações de clandestinidade / informalidade		

Figura 1.1. Modos de dominação e estratégias de reprodução na indústria da Construção – modelo teórico de análise

Uma investigação sociológica informada por uma “metodologia de caso alargado”, a dois tempos

Ainda que não constitua um domínio sistemático e regular de investigação sociológica, sabíamos, em resultado, desde logo, dos trabalhos realizados, em Portugal, sobre a matéria por José Madureira Pinto e Cidália Queiroz nos anos de 1990 (Pinto & Queiroz, 1993, 1996a, 1996b; Queiroz, 1999), assim como por um conjunto de pesquisas sobre aspetos significativos da atividade no setor fora do país (Sykes, 1969a, 1969b; Thiel, 2007; Jounin, 2008), que existia um património sociológico de relevo disponível para a compreensão da atividade económica e das condições de trabalho na indústria da Construção em Portugal. À luz das coordenadas teóricas estabelecidas – e do propósito de documentar as incidências sociais e económicas do conjunto de grandes transformações em curso no setor em Portugal previamente enunciado com recurso a perspetivas com preocupações de enquadramento extensivo -, o projeto de pesquisa que preconizávamos como necessário procurou desenvolver-se como uma abordagem metodológica de “caso alargado” (Burawoy, 2009)², desdobrada em dois grandes tempos de investigação, ambos informados por preocupações com forte pendor etnográfico, mas vocacionados para a resolução de problemas distintos e com prioridades técnicas capazes de combinar abordagens explicativas e compreensivas. A adequação de uma abordagem metodológica assim configurada para o desenvolvimento de investigação sobre a indústria da Construção tem vindo a ser destacada como particularmente adequada para a produção de conhecimento inovador e, muito recentemente, trabalhos relevantes voltaram a dar prova da pertinência de abordagens informadas por preocupações etnográficas (Pink, Tutt & Dainty, 2013; Wagner, 2018). Convocar, nesse sentido, a análise etnográfica sobre a experiência do quotidiano de trabalho (Fournier, Hatzfeld, Lomba & Muller, 2008; Monteiro, 2014a) e a realização de entrevistas de investigação, com recurso à análise do discurso de diferentes categorias de agentes sociais envolvidos neste domínio da atividade industrial, afigurava-se como uma estratégia de pesquisa com potencial heurístico (Bourdieu, 1993).

Na situação de entrevista de investigação, característica da atividade de pesquisa nas Ciências Sociais, os participantes, constituídos como entrevistador e entrevistado, criam uma dinâmica interacional e interativa que possibilita a emergência no discurso de práticas linguístico-discursivas específicas destes contextos. A análise destas práticas no âmbito de áreas como a Sociolinguística Interacional e a Sociologia, que multidisciplinarymente as estudam, permite reconstituir vivên-

² As incidências do trabalho metodológico a implementar foram discutidas em sucessivas reuniões internas do projeto e também em seminários abertos.

cias próprias dos contextos de trabalho identificados, possibilitando a sua análise como *interação*. Dependendo do modo como são construídas e concebidas (grupos focais, entrevista semidiretiva, entrevista em profundidade, etc.), é possível, na dinâmica interacional instituída, verificar a irrupção de *narrativas de experiência de vida* (Almeida, 2012, 2019). A “arquitetura da intersubjetividade” (Heritage, 1989, p.24) assim configurada – ou os padrões de organização sequencial dos atos ilocutórios realizados na situação de comunicação criada pela entrevista – envolve a produção de coerências semântico-pragmáticas, traduzida na organização e funcionamento da sequência discursiva de pergunta-resposta, das sequências de justificação por parte de entrevistadores e entrevistados e dos atos de natureza sequencial como as explicações, entre outros, que revelam a coconstrução do sentido elaborada pelos participantes em presença. A análise sociolinguística das estratégias discursivas de mitigação, e também de intensificação ou reforço do dito, em situação de entrevista, revela que os participantes neste “jogo verbal” (Goffman, 1981) criam um “espaço interacional” (Gumperz, 1989: 9) estruturado pelo trabalho colaborativo. Através da compreensão dos dispositivos linguísticos desenvolvidos nas entrevistas, os investigadores podem constituir as entrevistas de investigação como situações de comunicação “não violentas” (Bourdieu 1993, p.905), facilitando a interação e permitindo aos entrevistados a partilha de experiências (Almeida, 2019, p. 267). O trabalho sobre estas entrevistas, mediante transcrição ortográfica, anotação criteriosa e revisões sucessivas (Nascimento, 1987, 1996; Nascimento, Marques & Cruz, 1987; Ramilo & Freitas, 2002), permite constituir um *corpus* oral e definir um domínio de análise significativo.

Consumaram-se, assim, opções que conduziram a interrogar as grandes transformações verificadas na economia e no trabalho na indústria da Construção do país ao longo das últimas décadas, o regime português e europeu de regulação político-legal do setor, a configuração do campo das empresas mais poderosas da indústria da Construção, as principais prioridades de ação dos interlocutores institucionais de referência do campo e as incidências sociais dos processos de estruturação do trabalho e das suas transformações em contextos produtivos específicos. Promovendo o diálogo com investigações teóricas e teórico-práticas diferenciadas, a estratégia teórico-metodológica daqui dependente deu origem a um conjunto de passos metodológicos preciso. Estes passaram pelo desenvolvimento de inventário e análise de informação estatística, pela compilação e estudo de legislação pertinente e pela realização de trabalho de terreno, desdobrado em várias vertentes. Sem especificar ainda os objetivos analíticos mais pormenorizados que estiveram subjacentes ao desenvolvimento da pesquisa e que terão ocasião de ser mais circunstanciadamente explicados ao longo da investigação, os passos metodológicos concretizados à luz de tais propósitos são apresentados seguidamente.

Primeiro tempo

À luz do desenho de investigação estabelecido, a definição da morfologia social da atividade económica no setor da Construção foi entendida como horizonte de referência para o desenvolvimento inicial da pesquisa. Procurou-se, nesse sentido e à luz de trabalho significativo acumulado no passado (Pinto & Queiroz, 1993), reunir informação estatística oficial de relevo sobre a evolução da atividade no setor. Para além da reconstituição de séries temporais decorrentes do exame de estatísticas gerais provenientes dos diferentes registos do Instituto Nacional de Estatística, foi possível realizar um trabalho de compilação de informação estatística sobre o setor proveniente do estudo dos micro-dados dos Quadros de Pessoal do Ministério do Trabalho e da Segurança Social. A uma análise da evolução do setor com recurso à construção de uma cronologia significativa de variáveis (lida a partir dos anos de 1996, 2002, 2008 e 2012), foi possível acrescentar um corpo de informação muito relevante sobre a estrutura empresarial. Em complemento, a equipa desenvolveu um estudo que permitiu reconstituir a trajetória do sistema de emprego na construção no país, com recurso a dados do Inquérito ao Emprego e de outras fontes oficiais pertinentes; um tal trabalho articulou-se com a realização de um inventário suplementar de informação estatística oficial sobre acidentes de trabalho na Construção. No horizonte imediato de concretização desta frente de pesquisa encontrava-se a possibilidade de poder contribuir também para um exercício de análise relacional das forças da física social em ação neste domínio da atividade económica.

Em complemento, a análise desdobrou-se num exercício adicional de pesquisa sobre o enquadramento regulatório da atividade económica do setor. Procedeu-se, assim, à elaboração e atualização de um Catálogo de leis nacionais e diretivas europeias ligadas ao setor, aferido por temas escolhidos como pertinentes e em função do papel de diferentes atores institucionais (nacionais e europeus). Privilegiou-se, em particular, o estudo de temas relativos à Regulação geral do setor, ao Ambiente, aos Mercados públicos, à Gestão patrimonial e reabilitação urbana, à Subcontratação e relações interempresas, ao Trabalho temporário, à Formação profissional, à Normalização das técnicas de construção, às Relações salariais e à Segurança e saúde no trabalho.

Foi também possível realizar, compilar, tratar e analisar os elementos recolhidos num programa de entrevistas com informantes privilegiados e num conjunto de “grupos focais” com interlocutores institucionais. Realizaram-se e trataram-se, assim, os elementos resultantes de um conjunto de entrevistas exploratórias (oito) com atores institucionais – sindicatos e federação de sindicatos da construção, Instituto dos Mercados Públicos, do Imobiliário e da Construção (IMPIC), Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas e Serviços (AECOPS), Asso-

ciação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas (AICCOPN), Direção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP), Autoridade para as Condições do Trabalho (ACT) e economistas com investigação especializada sobre o setor – e de quatro “grupos focais” com atores institucionais de relevo deste domínio da atividade económica. Especificamente, envolveram-se nestes últimos grupos informantes e entrevistados provenientes da AECOPS, da ACT, da ACT Penafiel e do IMPIC.

Na sequência da digitalização e organização de um arquivo de artigos de imprensa que o Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Madeiras, Mármore, Pedreiras, Cerâmicas e Materiais de Construção de Portugal colocou à disposição da equipa de investigação do projeto, procedemos, por fim, ao estudo dos processos de tomada de posição efetuados pelos atores da indústria com recurso à análise do referido arquivo.

Segundo tempo

Os estaleiros representam pontos de conexão na rede de circulação de objetos, empresas e trabalhadores que constituem a dinâmica da atividade característica da indústria da Construção. São também pontos de implementação de experiências de vida próprias, configuradas em torno de uma ordem de interação específica (Dubois, 2014; Goffman, 1983), dotada de temporalidades e espacialidades singulares, largamente estruturada em torno de uma recomposição e reajustamento permanentes. A propósito do estaleiro, pode considerar-se que “cada vez que uma nova parte é construída, o espaço de trabalho muda de forma material e social, mudando a estrutura, as vias de acesso, os fluxos espaciais e as socialidades que o constituem” (Pink, Tutt & Dainty, 2013, p.13, tradução própria). Mesmo sendo geograficamente separados, os estaleiros estão, contudo, “unidos” pela participação comum numa mesma “configuração social” (Elias, 2001) própria da atividade industrial no setor. Foi, por isso, que considerámos adequado, tal como já afirmado, implementar uma abordagem que promovesse uma “etnografia do quotidiano” (Rabinow & Marcus, 2008) multi-situada (Levitt & Glick-Schiller, 2004), que permitiu considerar os estaleiros e os agentes nestes envolvidos não apenas a partir do que estava presente em cada local estudado, produzindo uma objetivação densa para cada um, mas também através de comparações e de um estudo sistémico do campo da construção, vendo cada local como caso particular a partir de uma unidade de referência mais alargada: o sistema de interdependências que conecta as empresas e os trabalhadores no cosmos da construção.

A implementação da componente mais orientadamente etnográfica da pesquisa envolveu a constituição de observatórios territorializados. No país, tais observatórios foram constituídos pela relevância da atividade económica regional

na indústria da Construção, tanto em matéria de produção como de dinâmicas sociais subjacentes. Dada a superfície de ação cada vez maior das empresas e dos trabalhadores e do próprio carácter móvel intrínseco à atividade do setor, o projeto de investigação procurou também operacionalizar uma prática etnográfica multi-situada que se revestisse de uma componente transnacional. Para conhecer representações e práticas em contexto, usualmente opacas em estudos que não integram uma componente etnográfica, foram selecionados cinco pontos de observação, três em Portugal e dois além-fronteiras. O objetivo era obter um conhecimento alargado das representações, sentimentos e práticas dos trabalhadores e dos empresários, conhecimento que viria completar e enriquecer a imagem estrutural do setor produzida com a primeira fase do projeto. Desenvolveram-se, assim, estratégias de investigação etnográfica nas regiões do Vale do Sousa (uma região relevante pelo que representa enquanto reserva de mão de obra), do Grande Porto (importante pelo significado da reabilitação urbana aqui em curso) e da Grande Lisboa (igualmente significativa pela relevância da reabilitação, mas também por uma mais evidente presença de mão de obra estrangeira mobilizada para vários subsectores diferenciados). Pela sua importância para a compreensão das estratégias de internacionalização de empresas e de diferentes categorias de ativos, constituíram-se dois observatórios territorializados nas regiões de Bordéus (em França) e de Bruxelas (na Bélgica). O primeiro destes devido ao significado da presença de empresas e de ativos com origem em Portugal na região; o segundo devido ao efetivo muito elevado de destacamentos de trabalhadores portugueses.

A execução destas atividades implicou a organização de uma vasta e complexa rede de contactos em cada um dos cinco observatórios constituídos. Lidos a partir dos elementos recolhidos nas fases anteriores do projeto, os observatórios territorializados em apreço permitiram aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento de dimensões decisivas do objeto de análise, obrigando a um planeamento exigente do trabalho de pesquisa de terreno. Mais especificamente, foi realizada uma abordagem etnográfica nos diferentes observatórios; estas traduziram-se no registo de observações, na redação de diários de campos e na produção de um diário fotográfico, registando obras, locais visitados e interações com os trabalhadores, visitas de estaleiro e de sede de empresas nos observatórios nacionais e fora do país, incluindo, em situações pertinentes, visitas dos locais de habitação e de lazer dos trabalhadores dentro e fora do país. Capitalizando a experiência da equipa em investigações conduzidas no Norte de Espanha (Queirós & Monteiro, 2016, 2019), no trabalho efetuado fora do país, sempre que possível, foi estabelecido diálogo com donos de cafés/restaurantes de portugueses, com pessoas em zonas de convívio e feiras onde se costumam deslocar portugueses, no sentido de recolher perceções acerca da movimentação de operários do setor, tanto em relação a questões de trabalho, como de condições de vida e de hábitos de socialização. A equipa

permaneceu, assim, em média, pelo menos dez dias em cada observatório, até que ficasse claro que se tinha chegado à saturação etnográfica dos dados recolhidos em cada local. O Porto, por sua vez, e sendo o local onde se encontra a “base” da investigação sociológica implementada, foi alvo de um trabalho de apropriação temporal e espacial distinto, envolvendo uma prática continuada de recolha de informação materializada ao longo de vários meses.

Para além da realização e análise de entrevistas semidiretivas e “grupos focais” a atores institucionais da indústria da Construção – concluídas no primeiro tempo do projeto –, estava prevista a realização de pelo menos 40 entrevistas aprofundadas a vários agentes com posições e ocupações hierarquicamente diferenciadas em diferentes contextos territoriais, em congruência com o modelo teórico anteriormente apresentado. Inscritas no trabalho desenvolvido em cada um dos observatórios territorializados, foram realizadas 89 entrevistas com um ou mais indivíduos (perfazendo um total de 110 indivíduos), das quais 68 entrevistas foram alvo de gravação (somando mais de 100 horas de áudio,) e 21 não gravadas, com a seguinte distribuição:

- (1) Vale do Sousa – 13 entrevistas gravadas;
- (2) Porto – 17 entrevistas gravadas e 16 relatos não gravados;
- (3) Lisboa – 12 entrevistas gravadas e 4 relatos não gravados;
- (4) Bélgica – 16 entrevistas gravadas e um relato não gravado;
- (5) França – 10 entrevistas gravadas.

Perante a dificuldade encontrada tanto em realizar entrevistas em profundidade a operários no observatório do Porto no momento duma primeira abordagem (que ocorreu durante a jornada de trabalho ou nas pausas da mesma), como em suscitar a disponibilidade e confiança necessárias para um agendamento em horário pós-laboral, procedeu-se à aplicação de um questionário aberto que permitiu inquirir trabalhadores com algum detalhe, a partir dos quais se elaboraram relatos analiticamente informados.

As entrevistas nos observatórios foram realizadas com recurso à distinção de 4 categorias em matéria de classificação dos entrevistados na configuração de profissionais do setor, num registo especificamente informado pelo trabalho de pesquisa efetuado a partir do estaleiro e fundamentado no modelo teórico previamente apresentado na Figura 1.1. As categorias e distribuição dos entrevistados são as seguintes:

- (1) Empresários, administradores e quadros superiores – 19;
- (2) Quadros técnicos e encarregados (enquadramento da produção) – 17;

- (3) Chefes de equipa, oficiais, serventes e trabalhadores independentes (produção) – 46;
- (4) Informantes privilegiados – 28 (afetos a 17 entidades distintas).

Foi, assim, possível reunir um número significativo de opiniões, experiências e memórias de trabalhadores, empresários e informantes privilegiados diretamente implicados no setor, dados estes que costumam ser pouco valorizados em restituções de análises estruturais sobre a respetiva configuração (Jounin, 2006; Monteiro, 2014b; Pinto & Queiroz, 1996a).

Além desta abordagem, mais situada e orientada para contextos de polarização sociabilitários e laboral dos agentes envolvidos na atividade do setor, graças aos contatos estabelecidos com vários informantes privilegiados, a equipa pôde visitar obras em curso de maneira mais formal: realizou-se o acompanhamento de uma visita com inspetores da ACT, que permitiu observações significativas; fez-se o acompanhamento de uma visita de estaleiro organizada pelo Ordem dos Engenheiros, que permitiu estabelecer contatos que foram, por sua vez, ativados no observatório da Grande Lisboa. Foi ainda possível complementar estas incursões de terreno com a participação em eventos públicos – organizados por uma grande empresa portuguesa do setor da Construção – dirigidos a estudantes e profissionais da área, o que permitiu situar problemáticas e prioridades dos atores, ligando-as à estrutura das empresas e à importância da respetiva imagem. Uma tal participação gerou oportunidades para a realização de entrevistas a quadros técnicos; dinâmicas de conhecimento e oportunidades de contacto semelhantes foram gizadas pela participação no 7º Fórum Estratégico, organizado pela Plataforma Tecnológica Portuguesa da Construção (PTPC), onde foi apresentado o “Plano Estratégico de Inovação e Competitividade 2030 para o setor AEC”. Todas estas visitas foram consignadas em diários de campo. Esta abordagem permitiu a produção de um vasto corpo de registos etnográficos das condições e práticas de trabalho no setor.

Metodologicamente, e em suma, a fim de capturar o quotidiano e as diversas modalidades de constituição das relações contratuais entre trabalhadores e empresas do setor, usámos, como vimos, as conversas e as entrevistas gravadas. Em complemento, recorreremos também a um aparelho metodológico mais complexo. Como nem todos os aspetos das experiências vividas do trabalho são acessíveis em termos escritos, procedeu-se, como já mencionado, à recolha de materiais visuais, recorrendo, especificamente, às fotografias de natureza etnográfica (Harper, 2003). Para cada estaleiro visitado, foram elaborados registos de observações numa grelha de observação e em cadernos de campo. Sempre que se revelou possível, tiraram-se fotografias ao ambiente onde a equipa se encontrava e procedeu-se à gravação do ambiente sonoro. Nos locais de lazer e encontro, foram igualmente registadas interações no diário de campo e efetuadas fotogra-

fias. Foram, assim, elaboradas 11 grelhas de observação de estaleiros, cujas visitas foram proporcionadas por empresários ou trabalhadores: três na região do Vale de Sousa, duas no Porto, duas em Lisboa, duas em Bruxelas e duas em Bordéus. Foi compilado ainda um álbum fotográfico para cada observatório com as respetivas legendas, organizando-se, assim, um arquivo, devidamente referenciado, com cerca de 1000 fotografias.

O reconhecimento das potencialidades da manutenção de um registo sistemático das atividades de pesquisa no terreno, assim como o de que a presença e a posição dos investigadores no terreno não serão inócuas, esteve na base da opção de se proceder à sistematização das observações em diários de campo, evitando assim a dispersão das inúmeras reflexões elaboradas. Esses registos compilam, dessa forma, impressões, considerações e descrições relativas às incursões nos diferentes observatórios, tanto sobre as condições de trabalho, estratégias empresariais, condições de vivência dos trabalhadores, sociabilidades e apropriação dos espaços, como sobre as dinâmicas preponderantes do setor da Construção nesses locais, não dispensando a articulação com preocupações de natureza teórica que norteiam toda a investigação. Estes diários permitem, assim, não só uma reflexão sobre diferentes elementos da pesquisa etnográfica dirigida ao objeto da investigação, mas abrem também portas a uma reflexão objetiva sobre aspetos subjetivos da própria pesquisa empírica: neste caso, as ações dos investigadores no terreno e as relações sociais de observação (Pinto, 2010).

Vários desafios se foram colocando ao longo da permanência no terreno, nomeadamente ao nível da programação das atividades, do acesso aos locais (estaleiros, instituições, empresas, habitações...), da conquista de confiança através da presença continuada, da dinâmica comunicacional exigida pela dimensão e complexidade das entrevistas, da garantia do anonimato daqueles que participaram neste estudo. A criação da reciprocidade necessária para o bom desenvolvimento de todos os passos inerentes a estes procedimentos constituiu-se como um elemento central da operacionalização das mesmas. Desde a tentativa de não criar qualquer tipo de retração por parte dos trabalhadores, agentes institucionais e empresários relativamente à abordagem inicial da equipa, à procura duma receptividade não condicionada pelo uso do gravador, da máquina fotográfica, do bloco de notas, do termo de consentimento, as estratégias levadas a cabo foram sendo objeto de ajustamentos e de adaptações ao território, aos indivíduos, ao contexto de interação, de forma a garantir a qualidade das informações obtidas.

A divisão do trabalho de terreno em cinco observatórios territoriais permitiu um enquadramento regional/nacional das dinâmicas observadas, contudo, dada a grande mobilidade que está associada ao setor da Construção, foi importante não compartimentar o olhar nem as reflexões, e procurar compreender as relações que se estabelecem em perímetros espaciais de geometria relativamente variável, de

resto, evidentes em muitas das trajetórias profissionais recolhidas. Igualmente importante, dada a natureza cíclica da evolução da produtividade e do recrutamento de mão de obra, foi procurar compreender sociologicamente a relação dos agentes com o passado e com o futuro, assim como procurar evidenciar alguns dos laços que se estabelecem nos planos sincrónico e diacrónico.

Justifica-se, por fim, dada a centralidade do trabalho realizado em torno do *corpus* oral constituído no âmbito do projeto, uma reflexão sobre a natureza das operações desenvolvidas a propósito deste. A transcrição do *corpus* realizada no âmbito do presente trabalho teve em conta as normas do sistema de notação de transcrição ortográfica utilizado na recolha do *corpus* oral do Português Fundamental, com as sistematizações e alargamentos realizados no âmbito da recolha do *corpus* de materiais orais (Firth, 1995, p.10, p.23, p.58; Heritage, 1984, p. 300; Nascimento, 1987). O sistema de notação usado mantém grande parte dos sinais ortográficos, tendo a principal vantagem da inteligibilidade, dada a proximidade com a ortografia vigente. Tendo como objeto de estudo a enunciação, as notações aqui utilizadas visam também a marcação de aspetos como a entoação suspensiva e o prolongamento enfático, bem como as notações situacionais ou comportamentais – risos, e outros sons vocais. As transcrições realizadas foram todas revistas no sentido de procurar observar com rigor os critérios seguidos na transcrição dos enunciados pelo primeiro transcritor; nesse sentido, cada transcrição foi sistematicamente revista por um segundo e, não raro, por um terceiro transcritor, com base no conhecimento do *corpus* e das convenções do sistema de notação. A transcrição das produções destes interactantes foi, nesse sentido, o mais fidedigna possível, realizando-se a transcrição ortográfica de palavras inventadas pelos participantes (“criatividade lexical”) e de outros vocábulos, característicos do discurso interativo oral, como a forma “inda”, o verbo “tar”, entre outros, e procedendo-se à transcrição de outros registos que se afastam da chamada “norma linguística”. Notámos formas de criação individual, formas truncadas e estabelecemos grafias para representar onomatopeias, interjeições e outras formas que não só representassem a realidade fónica, mas também se adequassem ao sistema de transcrição adotado.

Uma síntese

Ao longo deste capítulo procurámos enunciar as coordenadas teóricas principais que estiveram subjacentes à definição do objeto de pesquisa construído no âmbito do projeto “Novos Terrenos para a Construção”. Em articulação com um tal desígnio, procedemos à identificação dos passos metodológicos principais que foram dados para concretizar os propósitos da pesquisa assim definida. A proposta teórica e a estratégia metodológica formuladas compreendem a possibilidade

de organizar a produção de conhecimento sociológico sobre a configuração da ação das empresas e da experiência dos agentes que as compõem e que com estas se relacionam no domínio da indústria da Construção portuguesa. O caminho teórico-metodológico traçado a partir deste quadro de trabalho convoca questionamentos alternativos e resultados de pesquisa complementares que ajudam a afinar coordenadas de investigação. São os resultados principais da investigação realizada e as convocatórias analíticas diferenciadas que estes geraram que se discutirão nos capítulos que se seguem.

Referências Bibliográficas

- Almeida, C. A. (2019). Discourse strategies of mitigation in an oral corpus of narratives of life experience collected in interviews. In K. Roulston (Ed.), *Interactional Studies of Qualitative Research Interviews* (pp.239-268). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Almeida, C. A. (2012). “Que eu já nasci em Riba de Ave. [...] Sempre me conheci aqui em Riba de Ave (risos)” : A coconstrução do sentido em *narrativas de experiência de vida* no Vale do Ave. In V. B. Pereira (Ed.), *Ao cair do pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave* (pp.417-445). Porto: Afrontamento.
- Almeida, J. F. (1986). *Classes sociais nos campos: Camponeses parciais numa região do noroeste*. Lisboa: ICS.
- Baganha, M. I., Marques, J. C. & Góis, P. (2002). Sector da Construção e Obras Públicas em Portugal: 1999-2000. *Oficinas do CES*, 173, 1-35.
- Banco de Portugal (2014). *Análise do setor da Construção: Estudos da Central de Balanços*, 15, 1-45.
- Banco de Portugal (2016). *Nota de informação estatística: Análise do setor da construção 2011-2016*, 126, 1-6.
- Beaud, S. & Pialoux, M. (1999). *Retour sur la condition ouvrière : Enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard*. Paris : Fayard.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction : Critique sociale du jugement*. Paris : Minit.
- Bourdieu, P. (1989). *La Noblesse d'État : Grandes écoles et esprit de corps*. Paris : Minit.
- Bourdieu, P. (1993). Comprendre. In P. Bourdieu (Ed.), *La Misère du monde* (pp. 903-939). Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1994). Stratégies de reproduction et modes de domination. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 105, 3-12.
- Bourdieu, P. (1997). Le champ économique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 119, 48-66.
- Bourdieu, P. (2000). *Les Structures Sociales de l'Économie*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (2017). *Anthropologie Économique : Cours au Collège de France 1992-1993*. Paris : Seuil.

- Burawoy, M. (2009). *The extended case method: Four countries, four decades, four great transformations and one theoretical tradition*. Berkeley: University of California Press.
- Cremers, J., & Janssen, J. (2006). *Shifting employment: Undeclared labour in construction industry*. Rotterdam: Antenna.
- Cusin, F. & Lefebvre, H. (2018). La financiarisation de l'immobilier résidentiel aux États-Unis: genèse et conséquences socio-spatiales de la crise des *subprimes*. *Espaces et sociétés*, 174, 105-122.
- Desrosières, A. & Thévenot, L. (2002). *Les catégories socio-professionnelles*. Paris: La Découverte.
- Dubois, V. (2014). Ordem institucional, ordem interaccional e ordem social: administrando o bem-estar, disciplinando os pobres, *Cadernos de Ciências Sociais*, 27, 53-66.
- Elias, N. (2001). *The Society of Individuals*. New York: Continuum.
- Firth, A. (Ed.) (1995). *The discourse of negotiation: Studies of language in the workplace*. Oxford: Pergamon.
- Fligstein, N. (2002). *The architecture of markets: An economic sociology of twenty-first-century capitalist societies*. Princeton: Princeton University Press.
- Fligstein, N. & McAdam, D. (2015). *A Theory of Fields*. New York: Oxford University Press.
- Fournier, P., Hatzfeld, N., Lomba, C., & Muller, S. (2008). Introduction: étudier le travail en situation. In A.-M. Arborio, Y. Cohen, P. Fournier, N. Hatzfeld, C. Lomba, & S. Muller (Eds.), *Observer le Travail: Histoire, ethnographie, approches combinées* (pp.7-27). Paris: La Découverte.
- Goffman, E. (1981). *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Goffman, E. (1983). The Interaction Order: American Sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, 48, 1-17.
- Gumperz, J. (1989). *Engager la conversation: Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. Paris : Minuit
- Harper, D. (2003). Framing ethnographic photography. *Ethnography*, 4(2), 241-266.
- Heritage, J. (1984). A change-of-state token and aspects of its sequential placement. In J. M. Atkinson & J. C. Heritage (Eds.), *Structures of social action: Studies in conversation analysis* (pp. 299-345). Cambridge: Cambridge University Press.
- Heritage, J. (1989). Current developments in conversation analysis. In D. Roger, & P. Bull (Eds.), *Conversation: an interdisciplinary perspective* (pp. 21-47). Clevedon: Multilingual Matters.
- Jounin, N. (2006). La sécurité au travail accaparée par les directions. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 165, 2-19.
- Jounin, N. (2008). *Chantier interdit au public: Enquête parmi les travailleurs du bâtiment*. Paris: La Découverte.
- Lebaron, F. (1997). La dénégation du pouvoir. Le champ des économistes français au milieu des années 1990. *Actes de la recherche em sciences sociales*, 119, 3-26.

- Levitt, P. & Glick-Schiller, N. (2004). Conceptualizing simultaneity: a transnational social field perspective on society. *International Migration Review*, 38(145), 595-629.
- Monteiro, B. (2014a). *Frágil como o Mundo: Etnografia do quotidiano operário*. Porto: Afrontamento.
- Monteiro, B. (2014b). Portuguese construction workers in Spain: situated practices and transnational connections in the European field of construction (2003-2013). *Construction Labour Research News*, 2, 8-32.
- Nascimento, M. F. B. (1987). *Contribuição para um dicionário de verbos do português: Novas perspectivas metodológicas*. Lisboa: INIC, CLUL.
- Nascimento, M. F. B. (1996). Aspectos da sintaxe do português falado (repetições lexicais e de estruturas sintáticas em produções orais: fenómenos de deslocação). In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português, vol. I* (pp. 203-221). Lisboa: APL/Edições Colibri.
- Nascimento, M. F. B., Marques, M. L. G. & Cruz, M. L. S. (1987). *Português Fundamental, Vol. II – Métodos e documentos. Tomo I – Inquérito de frequência*. Lisboa: INIC, CLUL.
- Pereira, V. B. (2010). Formação de classes sociais, trabalho e território ou sobre como continuar a compreender Berlim. In J. M. Pinto & J. Queirós (Eds.), *Ir e Voltar: Sociologia de uma colectividade local do Noroeste português (1977-2007)* (pp.327-355). Porto: Afrontamento.
- Pereira, V. B. (2012) (Ed.). *Ao Cair do Pano: Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave*. Porto: Afrontamento.
- Pink, S., Tutt, D. & Dainty, A. (2014). Introducing ethnographic research in the construction industry. In S. Pink, D. Tutt, & A. Dainty (Eds.), *Ethnographic research in the construction industry* (pp. 1–22). New York: Routledge.
- Pinto, J. M. (1985). *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos: Elementos de teoria e de pesquisa empírica*. Porto: Afrontamento.
- Pinto, J. M. (2010). Reavaliando fundamentos e grandes orientações metodológicas das pesquisas sobre Fonte Arcada. In J. M. Pinto & J. Queirós (Eds.), *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste português (1977-2007)* (pp.17-44). Porto: Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queiroz, M. C. (1993). *Trabalho, Emprego e Qualificações na Construção Civil*. Porto.
- Pinto, J. M. & Queiroz, M. C. (1996a). Flexibilização da produção, mobilidade da mão-de-obra e processos identitários na Construção Civil. *Sociologia. Problemas e Práticas*, 19, 9-29.
- Queirós, J. & Monteiro, B. (2019). Entre ici et là-bas: Notes de recherche sur l'émigration en Espagne d'ouvriers portugais du bâtiment". In V. B. Pereira & Y. Siblot (Eds.), *Classes sociales et politique au Portugal: Pratiques du métier de sociologue* (pp. 155-189). Vulaines-sur-Seine: Ed. du Croquant.
- Queirós, J. & Monteiro, B. (Eds.) (2016). *Trabalhos em Curso : Etnografia de operários portugueses da construção civil em Espanha*. Porto : Deriva/Le Monde diplomatique, edição portuguesa.

- Queiroz, M. C. (1999). *Trabalho e trabalhadores na Construção Civil e Obras Públicas. Contributos para a análise dos lugares e das identidades de classe*. (Tese de doutoramento não publicada), FLUP, Porto, Portugal.
- Rabinow, P. & Marcus, G. (2008). *Designs for an anthropology of the contemporary*. Duke: Duke University Press.
- Ramilo, M. C., & Freitas, T. (2002). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In I. Duarte, J. Barbosa, S. Matos & T. Hüsgen (Eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (vol. 2) (pp. 55-67). Porto: CLUP.
- Rosa, E. (2012). *Os grupos económicos e o desenvolvimento em Portugal no contexto da globalização*. (Tese de doutoramento não publicada), ISEG- UTL, Lisboa, Portugal.
- Savage, M. & Miles, A. (1994). *The Remaking of British Working Class 1840-1940*. London: Routledge.
- Sykes, A. J. M. (1969a). Navvies: Their social relations. *Sociology*, (3), 157-172.
- Sykes, A. J. M. (1969b). Navvies: Their work attitudes. *Sociology*, (3), 21-35.
- Thiel, D. (2007). Class in construction: London building workers, dirty work and physical cultures, *British Journal of Sociology*, 58(2), 227-251.
- Thompson, E. P. (1991). *The Making of the English Working Class*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Wacquant, L. (2014). Poder simbólico e constituição de grupos. Como Bourdieu reformula a questão das classes. *Cadernos de Ciências Sociais*, 27, 145-165.
- Wagner, I. (2018). *Workers without borders: Posted work and precarity in the EU*. Ithaca: Cornell University Press.